

MÉTODO E GEOGRAFIA

METHOD AND GEOGRAPHY

MÉTODO Y GEOGRAFÍA

GUILHERME DOS SANTOS CLAUDINO

Doutorando em Geografia – Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Presidente
Prudente/SP.

E-mail: guilhermeclaudinogeo@gmail.com

Resumo: O texto, ora apresentado, objetiva compreender o método na geografia por intermédio da descrição de obras e textos que se detiveram à sua investigação. Para tanto, mergulhou-se em alguns geógrafos que foram fundamentais na história da geografia, a fim de expor-se o método adotado em suas principais obras. De forma sintética, são demonstradas as diversas formas que o método, enquanto *questão*, se apresentou na geografia. Ora como um *modo de fazer*, ora como um *modo de pensar*. Estas duas dimensões conduziram os geógrafos a dois caminhos distintos: uns se detiveram na *compreensão*, outros na *proposição* de método.

Palavras-chave: Método, Geografia, História do Pensamento Geográfico.

Abstract: This paper aims to shed light on the concept of method in geography by describing works and writings that can lead us to an understanding thereof. We immersed in the context of some geographers who played a fundamental role in the history of geography, and we exposed the methods they adopted in their main works. In summary, we discuss the various ways that method, as a *question*, presented itself in geography, either as a *way of doing* or as a *way of thinking*. These two dimensions led geographers to two distinct paths: some have gone towards an understanding of method, while others have stopped at its proposition.

Keywords: method, Geography, history of geographic thought.

Resumen: El texto, ahora presentado, tiene por objetivo comprender el método en la geografía a través de la descripción de las obras y textos que se detuvieron a su comprensión. Sumergimos en algunos geógrafos que fueron fundamentales en la historia de la geografía y expusimos el método adoptado en sus principales obras. De forma sintética, demostramos las diversas formas que el método, como *cuestión*, se presentó en la geografía. Como un *modo de hacer*, como un *modo de pensar*. Estas dos dimensiones condujeron a los geógrafos a dos caminos distintos: unos se detuvieron en la *comprensión*, otros en la *proposición* de método.

Palabras clave: método, Geografía, historia del pensamiento geográfico.

Introdução

Certas questões emergem com força e notável visibilidade no realizar da atividade científica, outras caminham no tempo de formas imperceptíveis, presentes, mas ao mesmo tempo invisíveis. O método, no seu mais amplo sentido, sempre esteve presente no discurso geográfico. Pensar e fazer ciência pressupõe utilizar algum método, mesmo na condição de procedimentos técnicos minimamente articulados. A preocupação com o método, em nível de *questão*, contudo, ocupou um espaço muito incipiente na história das obras

elaboradas pelos geógrafos. Certamente, em abordagem contextual, é possível discorrer sobre método em diversos textos de um conjunto de geógrafos, realizando um exercício de imersão nos temas por eles tratados. Basta, por exemplo, mergulhar no *Cosmos*, de Humboldt ou no *Tratado de Geografia Física*, de Emmanuel de Martonne. Ainda que existam reflexões de ordem metodológica, o método propriamente dito é mencionado de modo muito fluido, diluindo-se, assim, no tom principal que caracteriza a obra, uma vez que método e objeto, sujeito e mundo, unem-se para o realizar do conhecer, fazendo-se conhecido, e, então, à produção do conhecimento mediado pelo pensar.

Para tratar do método, sobretudo em seu desenvolvimento histórico, reclamam-se, ao menos, três atitudes. A primeira é não confundir o *método científico* propriamente dito com uma *teoria do método*¹. A segunda consiste em não confundir a história da epistemologia com uma história das teorias do método (ou metodologias), ainda que relacionadas, não podem ser confundidas (LAUDAN, 2010). A terceira sugere o reconhecimento plástico do conceito de método, uma vez que, a cada tempo e sociedade, seu sentido vai modificando-se conforme a própria ciência vai transformando seus objetos e interesses. O sentido tradicional e universalista do método comum a todos campos do conhecimento já não apresenta mais sustentação contemporaneamente (VIDEIRA, 2006). O método científico universal, único e eterno vem sendo abandonado e favorecendo perspectivas e propostas menos

¹ “Por ‘método científico’ entendo simplesmente as técnicas e procedimentos que um cientista utiliza ao realizar experimentos ou construir teorias. Por ‘teorias do método científico’ entendo as opiniões metacientíficas explícitas que um cientista adota ao examinar a lógica da inferência científica”. (LAUDAN, 2010, p. 13).

ambiciosas, cujo resultado é o reconhecimento de métodos específicos para cada área do conhecimento.

Dependendo da teoria que sustenta a concepção de método de determinado historiador das ideias, a história pretendida pode ser totalmente diferente de uma teoria que considera o método através de um outro ponto de vista. Por conta disso:

[...] ainda que a maioria dos cientistas e uma parte nada desprezível dos filósofos acreditem em algo que chamam de ‘método científico’, eles não conseguem se entender a respeito do que este último seria. A aparente impossibilidade radical de formularem uma posição consensual parece ter gerado cansaço e desânimo entre os dois grupos, a ponto deles deixarem de lado, durante algum tempo, essas questões. (VIDEIRA, 2006).

O objetivo deste texto é, todavia, caminhar no tempo (partindo notadamente da geografia moderna) colhendo alguns indícios de reflexões sobre o método e realizar aproximações das discussões que hoje se tornaram candentes. Não se pretende esgotar esse assunto de natureza tão complexa, apenas adicionar às reflexões já existentes alguns caminhos pouco explorados, objetivando, em especial, abrir uma discussão em nível didático e panorâmica. O propósito, portanto, é uma introdução ao tema.

Inicialmente, discute-se o método em Humboldt, Ritter, Ratzel, Vidal e a emergência do “método regional” nos derradeiros anos do século XX. Este exercício contou apenas como medida de exposição histórica do método no desenvolver das bases institucionais da geografia, alçando à compreensão das primeiras tentativas que colocaram o método como uma questão por meio das proposições dos geógrafos Halford Mackinder, Alfred Hettner, Richard Hartshorne, e de outros próximos ao tempo atual, como

Jacqueline Beaujeu-Garnier, Pierre George, Milton Santos e Eliseu Sposito.

Estes geógrafos, provindos de espaços e tempos distintos, tal como de diversas áreas da geografia, produziram obras específicas sobre o método. São pouco semelhantes em suas propostas, existindo, assim, certa originalidade em cada qual na forma de compreender o método na geografia. Uns lançaram-se à compreensão do método por intermédio da filosofia, outros basearam-se, unicamente, no plano disciplinar da ciência geográfica. Há, assim, por um lado, a proposição de método e, por outro, apenas o exercício de sua compreensão. Estes dois caminhos inauguram uma tensão na forma de conceber o método na geografia, isto é: da existência ou não de um método propriamente geográfico.

Esta tensão ganha maior proporção com a “inserção” das metodologias qualitativas e da tecnologia no âmbito científico. O método, entendido basicamente como “um caminho”, é, em sua marcha, transformado nos contextos de cada tempo e sociedade. Certos princípios podem permanecer outros, por vezes, vão sendo adicionados, variando com as transformações próprias da ciência. Neste texto, caminha-se por meio das *interpretações* sobre o método, revelando as formas distintas e às vezes contraditórias de sua compreensão.

Um pouco de história do método na geografia

Caracterizar determinado autor por um único método pode ser uma atividade pouco satisfatória e nada fidedigna às transformações do pensamento no correr da atividade intelectual. O pensamento pode modificar-se da juventude à velhice. Cada livro elaborado pode conter diferenças inerentes às distinções dos

fenômenos e objetos investigados. O contexto filosófico, político e cultural pode determinar as estratégias metodológicas do intelectual. Enfim, existe um jogo entre a autonomia do autor e o contexto sócio-histórico no qual está inserido, bem como as particularidades dos objetos. Esses aspectos são candentes para se pensar o método na geografia, sobretudo em quatro personagens que, inicialmente, terão atenção neste estudo, são eles: Humboldt, Ritter, Ratzel e Vidal.

A seleção destes geógrafos não é aleatória. O papel que exerceram no percurso da geografia moderna é inegável (KRETSCHMER, 1930; CLOZIER, 1972; CLAVAL, 1972; MENDOZA, 1982; QUAINI, 1983; MORAES, 1983, 2007; JOHSTON, 1986; UNWINN, 1992; VALCÁRCEL, 2000; CAPEL, 2012). O propósito, assim, é apresentar um fundo histórico das reflexões sobre o método e/ou sua utilização. Inicia-se com Humboldt e finaliza-se em Vidal, mirando, então, a discussão enquanto *questão* nos tópicos subsequentes.

O método nos clássicos

A obra de Humboldt surge em um contexto no qual o idealismo e o romantismo alemão estavam em voga, efetuando, assim, influências em seu pensar. Humboldt buscou entender o que chamava de “física do globo” (ou da terra) e, posteriormente, “física do mundo”. Este último projeto culminou com sua obra mais famosa *Cosmos*. Seu método, de acordo com Moraes (2007), seria o *empirismo racionalizado* e, para Capel (2012), o *empírico-indutivo*, cuja ordem seria a seguinte:

- 1) Pela aplicação do pensamento às observações isoladas.
- 2) Pelo olhar do espírito que compara e combina.

3) Pela indução, que nos revela as leis numéricas.

Estas etapas contavam ainda com *experimentações* e *comparações* para chegar a *generalizações* de leis e, então, poder *descrever* e, posteriormente, *explicar*. Assim,

O geógrafo deveria contemplar a paisagem de uma forma quase estética (daí o título do primeiro capítulo do Cosmos “Dos graus de prazer que a contemplação da natureza pode oferecer”). A paisagem causaria no observador uma “impressão”, a qual, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes, e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação: a causalidade das conexões contidos na paisagem observada. Daí a afirmação de Humboldt: “a causalidade introduz a unidade entre o mundo sensível e o mundo do intelecto”. Pois ao mesmo tempo, algo existe de fato na natureza mas só apreensível pela razão, conduz a uma inerência do objeto e uma construção do sujeito (MORAES, 2007, p. 62).

O método em Humboldt, ou mesmo sua obra como um todo, é um produto do “intercruzamento do empirismo baconiano, das viagens de Cook, das ideias filosóficas de Kant, Fichte, Schelling e Goethe” (VITTE, 2007, p. 33). Essas influências, contudo, não isentaram Humboldt do *positivismo* que marcou os séculos XVIII e XIX.

O geógrafo Carl Ritter, por outro lado, contou com a influência da pedagogia de Pestalozzi e da filosofia de Hegel constituindo uma obra marcadamente direcionada pela filosofia idealista alemã. Diferentemente de Humboldt, a discussão sobre o método e a metodologia em geografia é uma constante em Ritter. Entre suas obras, *Erdkunde* se destaca em termos de discussão metodológica, pois desenvolve um método científico pelo qual não se

pode ser classificador, mas deve ser objetivo e simplificador. Este método, segundo Capel (2012, p. 55-57), teria as seguintes regras e características:

- 1) Em primeiro lugar deve-se proceder de observação em observação, e não da opinião ou hipóteses à observação.
- 2) A segunda regra consiste em proceder do simples e uniforme ao complexo e variado, assim como dos aspectos secundários aos principais.
- 3) A terceira regra é classificatória: reagrupar as coisas semelhantes e análogas.
- 4) A quarta consiste em esforçar-se para situar os fatos em seu contexto histórico.
- 5) A última procura conceder mais importância à intensidade de um fenômeno do que à sua extensão territorial.

Além destes elementos, é importante apontar que a proposta de Ritter detém uma ligação muito intensa com a religião. Deus, para Ritter, é uma força que determinaria os fins dos fenômenos e da própria natureza. Sua obra pode ser classificada, de acordo com Moraes (2007, p. 63), como “antropocêntrica (o homem é o sujeito da natureza), regional (aponta para o estudo de individualidades), valorizando a relação homem-natureza”. Tanto o *empirismo* como o *positivismo* marcam sua obra. Como um leitor assíduo, foi um geógrafo diferente de Humboldt que viajou o mundo, obtendo quase exclusivamente suas informações por intermédio dos livros.

Em Ratzel, o método passa por modificações, contudo pouco é superado em relação aos seus antecessores. Sua obra *Antropogeografia* com a *Erdkunde* de Ritter praticamente funda o que se entende por Geografia Humana. Sobre o manto do *positivismo* e do *naturalismo*, seu método pode ser classificado como *empírico-indutivo*. Sua concepção de método ou etapas da pesquisa em

geografia, conforme Moraes (1983, p. 387-388), seguiria os seguintes caminhos ou princípios:

- 1) É necessário um crescente conhecimento do objeto para fazer avançar a própria descrição.
- 2) A classificação deve ser um momento subsequente à elaboração, e esta pressuporia a comparação das realidades descritas.
- 3) A classificação é um momento de ordenação teórica, não sendo o fim último da pesquisa.
- 4) A comparação deveria abarcar conjuntos e não detalhes.
- 5) O procedimento comparativo deve ser a busca de um conhecimento mais generalizador.
- 6) Buscar a generalidade dos fenômenos para chegar a um conhecimento causal.

Em síntese, a proposta metodológica de Ratzel em sua *Antropogeografia* teria um caminho linear. Desta forma, “as etapas hierarquizadas da pesquisa antropogeográfica seriam, numa sequência linear, as seguintes: observação, descrição, representação, comparação, classificação e generalização” (MORAES, 1983, p. 391).

Em Vidal, o método é quase uma continuação do que propugna Ratzel. Munido de certo relativismo, distancia-se de Ratzel quanto a causalidade e generalização que, neste último, mostra-se mais acentuado. Moraes (2007) identifica o método *empírico-indutivo* em Vidal, em que os juízos são frutos da observação direta e dos sentidos. Para Vidal, ainda conforme Moraes (2007, p. 84), a investigação em geografia teria os seguintes princípios:

- 1) Observação de campo.
- 2) Indução a partir da paisagem.
- 3) Particularização da área enfocada (em seus traços históricos e naturais)

- 4) Comparação das áreas estudadas e do material levantado,
- 5) Classificação das áreas e dos gêneros de vida em “séries de tipos genéticos”.

Para outros autores como Fabrício e Vitte (2011, p. 320), contudo, Vidal “propõe um novo método à geografia, inserindo uma perspectiva histórica e funcional. As relações homem-meio são encaradas, por essa ótica, como uma abordagem recíproca e harmônica”. Em Lira (2012, p. 63), no estudo sobre o *Mediterrâneo*², o método em Vidal era “seguir as rotas franqueando fronteiras no espaço e no tempo e perceber então as gradações de dependência entre o homem e o meio”. Os passos do método geográfico de Vidal sobre o Mediterrâneo, segundo Lira (2012, p. 172), seguiam o respectivo ordenamento:

- 1) Apoiava-se numa visão da geografia geral (global).
- 2) Variava suas escalas de referência.
- 3) Era interdisciplinar.
- 4) Deveria ser regressivo no tempo e no espaço (nas rotas) que pudesse revelar as dependências diretas do meio.
- 5) História, circulação e adaptação são os principais eixos de seu método.

Como se pode observar, o método no interior da geografia vai passando por modificações. No entanto, estas “modificações” devem ser observadas com cautela, uma vez que, por vezes, o que se modifica são elementos “técnicos” no nível de procedimentos instrumentais. Se o método é entendido em seu sentido mais geral – *como um caminho do pensar* – estas modificações podem ser irrisórias, visto que a *concepção de mundo* e o *caminho intelectual* permanecem os

² “O Mediterrâneo, de Vidal de La Blache, foi o primeiro laboratório do método geográfico” (LIRA, 2012, p. 171).

mesmos entre os geógrafos. Nesse sentido, é possível arriscar três termos que fluem desta discussão, a saber: *Método*, *Técnica* e *Metodologia*³. Cada um destes termos pode ser identificado na história da geografia e, possivelmente, cada qual apresentará narrativas próprias, dado que os *modos de fazer* tal como o *modo de pensar* podem ser distintos em cada geógrafo. Com vistas a um exercício de aprofundamento destas questões, propõe-se, agora, um mergulho pelas *diferentes formas de compreender* o método na história das obras elaboradas pelos geógrafos.

O método enquanto questão: dos primeiros textos às propostas metodológicas

Um dos primeiros textos direcionados ao método que remonta aos primórdios da geografia moderna foi elaborado pelo geógrafo de Gainsborough, Halford Mackinder (1861-1947). Comumente conhecido por seus estudos em geopolítica, Mackinder elaborou um artigo em formato de manifesto, em 1887, direcionado à *Geographical Society of London*. Esse artigo, então denominado *On the Scope and Methods of Geography*, principia pela clássica pergunta “What is geography?”, cujo objetivo é entendê-la no ensino que, à época, estava em uma batalha para sua efetivação na qualidade de disciplina. Tal disputa, na verdade, representava outro *imbróglío* que, para Mackinder (1987, p. 204), “pode a geografia converter-se em uma disciplina em lugar de ser um simples corpo de informação? Mas isto não é, senão, um adicional à extensa pergunta sobre o objeto e os métodos de nossa ciência”.

³ Ou mesmo *procedimentos*.

Mackinder (1887, p. 205), em busca de “novas armas na batalha educacional” para efetivar a geografia como disciplina, estabelece um diálogo com a política, a geologia, a meteorologia e a história questionando se a “geografia é um ou vários temas”, ou se

[...] a geografia física e a política constituem duas etapas de uma mesma investigação, ou, pelo contrário, se trata de temas diferentes que devem ser estudados com distintos **métodos**, uma como apêndice da geologia, e a outra como apêndice da história? (MACKINDER, 1887, p. 205, *tradução e grifo nosso*).

O excerto supracitado revela a preocupação de Mackinder com um assunto que chega até os dias atuais, isto é, a relação ou unidade entre o físico e o humano na geografia, bem como o método que se manifesta em tal exercício. Ainda que a “geografia se pareça como uma árvore que se divide em duas grandes ramas, as ramas secundárias estão intrinsecamente entrelaçadas”, adiciona Mackinder (1887, p. 208), de forma metafórica. Estas reflexões conduziram Mackinder a duas sínteses metodológicas sobre a relação entre política, história e geologia. Sobre a primeira tem-se a seguinte síntese, de acordo com Mackinder (1887, p. 207-208):

- 1) Aceita-se que a função da geografia política consiste em demonstrar as relações que existem entre o homem em sociedade e as variações locais de seu meio.
- 2) Com carácter prévio devem ser analisados os dois fatores.
- 3) Cabe à geografia física analisar um desses fatores, o meio com suas variações.

Quanto à geologia,

- 1) É essencial conhecer a forma da litosfera.

- 2) Esta forma só pode ser lembrada com precisão e intensidade se conhecer e compreender as causas que a determinaram.
- 3) Uma destas causas é a dureza relativa às rochas e sua disposição.
- 4) Contudo não se pode admitir nenhum tipo de dado ou raciocínio geológico se não são pertinentes para a argumentação geográfica. Devem ajudar a contestar a pergunta: “Por que uma determinada configuração terrestre está onde está?”

Estes princípios ou características permitem entender o discurso do método em Mackinder por meio de duas características. A primeira é sua preocupação com o método de ensino de geografia e a outra é do método próprio da geografia, visto que:

Na pesquisa científica, o verdadeiro método era, sem dúvida, coleta de fatos e dados coletivos para deduzir princípios e leis deles. Mas no ensino, as leis estabelecidas pela pesquisa devem ser aplicadas e ilustradas por fatos individuais (MACKINDER, 1887, p. 172, *tradução nossa*).

Posteriormente a Mackinder, exatamente em 1903, Lura Lavonia Perrine (1854-1919)⁴ publicou o livro *Methods in Geography*. Nessa obra, dividida em 16 partes⁵, cabe destacar a sétima parte (ou capítulo) “*The Faculties Employed in Geography*”, na qual são indicadas as faculdades mentais mais importantes para a geografia, além da memória e da expressão. Segundo Perrine (1903), as faculdades compreendem:

⁴ Instrutor em geografia e geologia na *State Normal School*.

⁵ 1) Definition; 2) Scope; 3) Place in Education; 4) Interrelation of Natural Sciences; 5) Divisions of Geography 6); Order of Geographic Subjects; 7) The Faculties Employed in Geography; 8) Treatment of Geography in Relation to Mental Discipline; 9) The Order of Treatment; 10) More Immediate Objects in The Teaching of Geography; 11) Time; 12) Presentation; 13) Methods in Recitation Room; 14) Outline of A Course in Common School Geography; 15) Supplementary Work in the Upper Grades; 16) Suggestions on Conduct of the Recitation

- 1) O poder da observação.
- 2) O poder da imaginação científica.
- 3) O poder do raciocínio.

Estes três elementos constituem, conforme Perrine, os fatores principais para o método geográfico. Esse tripé:

[...] é necessário para ideias e modos fundamentais claros, precisos e realistas” (Com. of Ten. P. 215). Assim, só a imaginação científica pode tirar das impressões claras das coisas vistas, construir imagens claras do invisível e dar à mente uma representação da maior parte da matéria geográfica. “Tanto a claridade da observação quanto a força da imaginação são essenciais como base para um raciocínio seguro” (PERRINE, 1903, p. 9, *tradução nossa*).

A matéria geográfica de que fala este autor é a geografia física. Suas observações dirigem-se ao mundo físico. O que deve ficar claro quanto a este autor e sua respectiva proposta de interpretação do método na geografia é que a ciência ainda estava sobre os auspícios de um positivismo que caracterizava o modo de pensar da época. Perrine, contudo, deixou um material importante para se pensar sobre o método na geografia, uma vez que obras desta natureza são raras.

Anos mais tarde, outra obra direcionou-se ao método, contando com apenas 42 páginas, elaborada pelo geógrafo e geólogo Harold Wellman Fairbanks (1860-1933). Esta obra, então denominada *The Problem Method in Geography*, traz poucas citações e está direcionada, basicamente, ao ensino de geografia. Teorizando sobre o que chama de *Problem Method*, Fairbanks (1922, p. 1) procura elaborar uma metodologia para “ensinar as crianças a pensar a geografia, não apenas a memorização”.

Posteriormente a Mackinder (1887), Perrine (1903) e Fairbanks (1922) a obra que se destaca foi elaborada por Alfred Hettner (1859-1941), especialmente o livro *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*⁶, de 1927, e o texto *Methodische Zeit - und Streitfragen*⁷, de 1923. Hettner, diferente de todos os geógrafos aqui apresentados, dedicou-se, de forma geral, à discussão epistemológica e metodológica da geografia em toda sua trajetória acadêmica.

Sahr e Arantes (2011) observam que, entre 1901 e 1902, quando Ratzel publica a obra *Die Erde und das Leben*⁸, Hettner, seguidamente, publica, em 1903, o artigo *Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie*⁹ em resposta às proposições de Ratzel. Neste trabalho Hettner “divide a *Erdoberfläche* (superfície terrestre), conceito cunhado por Richthofen, em uma *wirkliche Erdoberfläche* (superfície terrestre real) e uma *mathematische Erdoberfläche* (superfície terrestre matemática)” (SAHR e ARANTES, 2011, p. 112). Vale lembrar-se desse episódio entre Ratzel e Hettner em razão do que indica Ute Wardenga (1995, p. 85-9, apud SAHR e ARANTES, 2011, p. 112), visto que, neste artigo de 1903, formula de forma coerente e sistemática o “Método” de Hettner. Em que consistia, então, o respectivo método de Hettner? Destacam-se, sinteticamente, pelo que indica Wardenga (1995, p. 85-9, apud SAHR e ARANTES, 2011, p. 112) as três etapas do método de Hettner:

- 1) Na *primeira*, ele deveria captar o próprio conteúdo factual da Geografia – este se apresenta, no que diz respeito aos

⁶ Trad.: Geografia, história, natureza e métodos.

⁷ Trad.: Problemas e disputas metodológicas.

⁸ A Terra e a Vida.

⁹ Conceitos fundamentais e princípios da Geografia Física.

- elementos inorgânicos, principalmente sob a forma de regularidades e regras abstratas, ao passo que os aspectos orgânicos seguem mais os princípios individuais e associativos.
- 2) Na *segunda*, ele deveria identificar os diferentes reinos com suas relações causais entre si, sendo estas muitas vezes baseadas em relações temporais e espaciais.
 - 3) Na *terceira*, por fim, ele deveria desenvolver sequências lógicas científicas e causais, baseadas em cinco grupos de forças energéticas: forças endógenas terrestres, forças exógenas terrestres, forças climáticas, biogenéticas e humanas.

Mais tarde, em 1905, Hettner publica o artigo *Das Wesen und die Methoden der Geographie*¹⁰, dando ênfase aos *métodos indutivos*. Dessa forma, “baseado na sua diferenciação entre objeto factual e sua *Darstellung* (representação e apresentação), Hettner se posiciona firmemente contra a crescente veneração dos *métodos dedutivos* do colega norte-americano William Morris Davis” e, passados 22 anos, em 1927, na obra já citada *Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*, “Hettner defenderá um *cruzamento de métodos indutivos e dedutivos*” (SARH e ARANTES, 2011, p. 113, *grifo nosso*).

Compreender o edifício esculpido por Hettner demandaria um trabalho muito mais extenso, de toda forma, mesmo que resumidamente, é possível identificar sua concepção de método, a qual indica que é *um caminho em direção a um objetivo*. Menciona, ainda, que:

[...] o caráter essencial da investigação geográfica consiste no fato de que ela é corológica, não se pode falar ainda assim de **um método corológico** e colocá-lo ao lado de outros **métodos da descrição** ou pesquisa. A palavra “**método**”, quando não se quer

¹⁰ A essência e os métodos da Geografia.

ampliar seu sentido de forma exagerada, sempre significa o **caminho em direção a um objetivo** – porém, não é o caminho que é corológico, mas sim o objetivo, o próprio objeto da Geografia (HETTNER, 2011 [1927], p. 139, *grifo nosso*).

Além de Hettner, o geógrafo Richard Hartshorne é um dos mais destacados quando o assunto é método e metodologia, autor das obras *The Nature of Geography* (1939) e *Perspective on the Nature of Geography* (1959), cravou na história da geografia a importância da discussão metodológica. Considerando que o propósito da geografia é estudar as variações dos fenômenos na face da terra juntamente com suas inter-relações, muitos estudiosos de sua obra o classificaram como utilizador do método hipotético-dedutivo e dedutivo-nomológico, lançando-o à dedução. Para Sandes (2015), contudo, Hartshorne defendia não apenas a *dedução*, mas também a *indução* e a formulação de hipóteses.

Nas palavras do próprio Hartshorne (1978, p. 183) “um método, na seleção de um campo de especialização, consiste em tomar uma categoria particular de fenômenos e concentrar os estudos nessa categoria”. Além dessa primeira concepção de método, Hartshorne também indica outras operacionalizações do método quando estabelece a discussão dos termos “Geografia Sistemática” e “Geografia Regional”. Assim, “decompor essa dupla complexidade de maneira mais viável, é necessário, em qualquer pesquisa geográfica, empregar dois diferentes métodos: análises de segmentos de integração e análises de seções de áreas” (HARTSHORNE, 1978, p. 38).

Em face de todos esses aspectos apresentados por Hartshorne, é importante lembrar do debate que travou com Fred K. Schaefer (1904-1953) sobre as definições, objetos e métodos da geografia, bem como da presença das reflexões kantianas e de

Hettner. Hartshorne (1978, p. 180-181), de forma geral, indica que o processo científico para o geógrafo segue os respectivos princípios:

- 1) *Descrição*: quer descreva um fenômeno visto com seus olhos ou medido por algum processo mecânico, quer descreva um processo de inter-relação de elementos elaborado em sua imaginação.
- 2) *Observação*: a descrição sensorial, muitas vezes presumida como o único significado de “descrição”.
- 3) *Análise*: a descrição das diversas partes do que tiver sido observado, conforme parecem estar relacionadas umas às outras.
- 4) Depois destes três passos, estabeleceu-se uma hipótese acerca das relações entre os elementos e processos. Se for segura, ter-se-á atingido um nível elevado do conhecimento – a *descrição cognitiva* dos elementos e suas inter-relações.

Descrever, observar e analisar constituem os passos fundamentais para um estudo geográfico, de acordo com Hartshorne. Suas proposições ainda articulam os processos de regionalização, bem como ao que denominava de geografia nomotética. Outros geógrafos americanos como Sauer (1924) e Leighly (1937, 1938) também produziram textos sobre o método, só que com menos ênfase que Hartshorne.

Quanto ao “método regional”, “abordagem regional” ou mesmo “geografia regional”, observou-se que detinha (em termos de obras) as seguintes características: “Introdução, localizando a área estudada com projeções cartográficas nacional e continental e um enquadramento zonal e pelas coordenadas” (MORAES, 2007, p. 87). Para Vidal de La Blache (1921, apud Gomes, 2000, p. 57) “o método recomendado é a *descrição*” para compreender a região e efetuar um estudo regional. Em termos esquemáticos, de acordo com Moraes

(2007, p. 87-88), este método seguia a respectiva ordem (ou capítulos):

- 1) *Capítulo 1*: “as bases físicas” ou o “quadro físico”, enumerando as características de cada um dos elementos naturais presentes (relevo, clima, vegetação etc.).
- 2) *Capítulo 2*: o “povoamento” ou as “fases de ocupação”, discutindo a formação histórica.
- 3) *Capítulo 3*: a “estrutura agrária” ou o “quadro agrário”, descrevendo a população rural, a estrutura fundiária, o tipo de produção, as relações de trabalho, a tecnologia empregada no cultivo e na criação.
- 4) *Capítulo 4*: a “estrutura urbana” ou o “quadro urbano”, analisando a rede de cidades, a população urbana, os equipamentos e as funções urbanas, a hierarquia das cidades daquela região.
- 5) *Capítulo 5*: a “estrutura industrial”, estudando o pessoal ocupado, a tecnologia empregada, a destinação da produção, a origem das matérias-primas empregadas, o número e tamanho dos estabelecimentos.

O método regional encerra este percurso até meados dos anos 1950. Como assinalado anteriormente, o *método enquanto procedimento* apresentou modificações nas pesquisas geográficas. Ao passo que, no *modo de pensar*, o método ainda é revestido do *positivismo*, logo circunscrito a *indução* ou a *dedução*, numa procura de leis e hipóteses. Vale caminhar um pouco mais, procurando compreender as obras que se dirigiram ao método que se aproximam do tempo atual.

Proposições e interpretações

De 1940 em diante, um conjunto de reflexões sobre o método pode ser mapeado nas publicações em revistas, que variam desde o

método dialético na antropogeografia (VIVO, 1941), de métodos de pesquisa (RUELLAN, 1943), do método no folclore brasileiro (RIBEIRO, 1943), dos princípios do método geográfico (GOUROU, 1948), da presença na geografia humana (GOTMANN, 1949), dos problemas e doutrinas (GEORGE, 1966) do método cartográfico (BARBOSA, 1967), do estatístico (LIBAULT, 1971), da observação (SILVA, 1971)¹¹, na geografia agrária (MEGALE, 1976), entre outros.

Embora seja possível encontrar um conjunto relativamente significativo de reflexões em diversas revistas, a atenção deste estudo concentra-se em quatro obras de quatro geógrafos distintos. De forma sintética, serão expostas as proposições e interpretações da geógrafa Jacqueline Beaujeu-Garnier, em sua obra *La Géographie: Méthodes et Perspectives* (1971); de Pierre George em *Les Méthodes de la géographie* (1970)¹²; de Milton Santos, na obra *Espaço e Método* (1985) e, por fim, do geógrafo Eliseu Sposito, na obra *Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*¹³ (2004).

Jacqueline Beaujeu-Garnier (1917-1925) foi uma geógrafa francesa, conhecida notadamente por seus estudos em geografia urbana. Sua concepção de método esteve vinculada (no livro acima citado) às perspectivas positivistas. Beaujeu-Garnier denominou de *método geográfico* um estudo sobre o espaço. De acordo com a referida geógrafa, o

¹¹ Armando Corrêa da Silva publicou um conjunto considerável de textos sobre o método, inclusive propondo a *fenomenologia-ontológica-estrutural*. Consultar: Silva (1976, 1980, 1982, 1992, 1996).

¹² Utilizou-se a versão brasileira desta obra: *Os Métodos da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1972.

¹³ Livro provindo da Tese de Livre-Docência: *Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico*, ano de obtenção: 2000.

[...] método geográfico visa analisar uma parcela do espaço concreto, isto é, pesquisar todas as formas de relações e de combinações que podem existir entre a totalidade dos diversos elementos em presença. Isto é a geografia global; a geografia *tout court*. (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 30, *tradução nossa*).

De modo mais transparente, menciona:

Sob essa aparente diversidade, parece que podemos encontrar as duas abordagens básicas que caracterizam a busca geral do conhecimento: o empirismo indutivo ou a teoria dedutiva (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 2, *tradução nossa*).

Assim, o *empirismo indutivo* seria a marca fundamental de sua compreensão sobre o método, constituindo, então, o que chamou de *método geográfico*. Este método teria a seguinte ordem linear para Beaujeu-Garnier (1971):

- 1) Processo de Generalização.
- 2) Observação.
- 3) Explicação (modelos).

Beaujeu-Garnier (1971, p. 52) reconhece que o método geográfico está em mutação e, por esta razão, alerta que “a precisão e o poder dos instrumentos aumentam as possibilidades de progresso, mas também aumentam o risco de danos em caso de erro no manuseio”.

Por sua vez, o também geógrafo francês Pierre George (1909-2006) parte de outra compreensão do método na geografia, distanciando-se um pouco da leitura de Beaujeu-Garnier. George foi um geógrafo que publicou mais de cinquenta livros, transitando em diversas áreas da geografia, desde os estudos agrários aos urbanos.

No livro *Les Méthodes de la Géographie*, George (1972) menciona os seguintes aspectos do método na geografia:

- 1) A pesquisa geográfica recorre sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências de que se vale para chegar ao conhecimento analítico dos dados incluídos nas combinações que constituem o objeto de seus estudos fragmentários ou globais.
- 2) Não existe nenhum método geográfico para abordagem dos dados sociais, econômicos, demográficos e culturais. Existe uma maneira geográfica de confrontar os resultados.
- 3) A geografia não possui métodos próprios de análise e apenas, quando muito, métodos de classificação e de hierarquização dos fatores, e também não conta com métodos de mensuração específicos.
- 4) O geógrafo aplica métodos por ele elaborados durante a observação do visível e utiliza outros setores e pesquisas para analisar o invisível e reassume sua própria condição de geógrafo para construir uma imagem global do espaço, feita de visível e de invisível.
- 5) Parece difícil definir métodos que sejam peculiares à geografia, na mobilização dos documentos. A geografia constitui muito mais uma maneira de classificar, de ponderar e de qualificar os resultados brutos obtidos pela aplicação de métodos laborados por ciências de características mais analíticas.

Destes cinco pontos levantados por George, vale destacar o segundo e o terceiro. Beaujeu-Garnier chamava atenção para a existência de um método geográfico, o que para George é inexistente, o geógrafo, assim, teria apenas uma forma geográfica de lidar com dados e informações. Em termos processuais, um estudo geográfico, para George (1972, p. 8), recorre aos seguintes processos, partindo da descrição à explicação:

- 1) Observação analítica.

- 2) Detecção das correlações.
- 3) Busca das relações de causalidade.
- 4) Suscita duas atitudes mentais:
 - 4.1 *Atitude estática*: que leva à definição de balancetes e de tipos individualizados por determinadas formas de combinações de fatores.
 - 4.2 *Atitude dinâmica*: que se empenha na procura das relações de forças, de equilíbrios para culminar com a abertura de perspectivas.

O geógrafo Milton Santos, por outro lado, realiza um exercício mais *propositivo* do que *compreensivo* do método nos estudos geográficos por meio da obra *Espaço e Método* (1985). Caminhando através dos termos *forma, função, processo e estrutura*, Milton Santos estabelece as categorias do que chamou de *método geográfico*. Essa reflexão, de forma menos recorrente pode ser encontrada em outras obras, tais como *Por uma Geografia Nova* (1978), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988) e *Natureza do Espaço* (1997).

Em Milton Santos ocorre uma espécie de *eclipse* entre o *método* e a *técnica*, constituindo uma “invenção do método de invenção”, uma vez que “as inovações são em grande parte uma consequência de uma técnica que alimenta a si mesma. Essa técnica, cuja realização se tornou relativamente independente, é chamada pesquisa” (SANTOS, 1985, p. 27). Nesse contexto, Santos conduz a discussão do método, a qual ficou durante muito tempo presa em procedimentos técnicos, para a dimensão social e política da era tecnológica. O *eclipse* entre o método e a técnica permite que pesquisas de melhor nível “concentrem-se nos polos do sistema, nos países mais desenvolvidos” (SANTOS, 1985, p. 28). Em termos precisos,

As mudanças de período implicam **mudança de métodos**: a difusão é caracterizada e controlada por um processo diferente em cada fase. Por outro lado, o papel dos fatores particulares é diferente nas diferentes fases da difusão (L. Brown, 1968, p. 34). Cada modernização em escala mundial representa um jogo diferente de possibilidades para os países capazes de adotá-las; não se poderia falar da existência de uma agricultura que requiera fertilizantes químicos antes que a indústria química tivesse se desenvolvido ou se estabelecido em algum ponto do globo” (SANTOS, 1985, p. 30, *grifo nosso*).

De acordo com Santos (1985), nessa perspectiva, a investigação do geógrafo deveria voltar-se ao espaço. Para tal estudo, o geógrafo deveria compreender quatro categorias estruturantes: *Forma, função, processo e estrutura*. Essas palavras devem ser estudadas em concomitância, mediante a interação através do tempo e do espaço. Como termos disjuntivos e associados, não podem ser estudados separadamente, podendo ocasionar, quando separados, em uma análise parcial do real. Somente relacionados e em conjunto conseguem compreender os fenômenos em sua totalidade. Santos (1985, p. 51) define cada uma destas *categorias* do método da seguinte forma:

- a) *Forma* é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão.
- b) *Função* é uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa.
- c) *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo, o modo de organização ou construção.
- d) *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer.

Santos, portanto, realiza uma reviravolta na questão do método quando comparado aos autores anteriormente citados.

Assim, desde Humboldt até Milton Santos é possível afirmar que o método enquanto *modo de fazer* veio se modificando constantemente. Enquanto *modo de pensar*, todavia, considerando as obras selecionadas para este estudo, somente em Milton Santos (já filho de um outro tempo) é identificável uma mudança expressiva.

Todas essas mudanças e permanências tornaram-se um objeto em totalidade para a *proposição de compreensão* do método na geografia, conduzido pelo geógrafo Eliseu Sposito na obra *Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. Sposito (2004), diferentemente dos autores anteriores discutidos, não propõe um método e tampouco técnicas específicas aos geógrafos. Este geógrafo realiza um exercício de compreensão do desenvolvimento do método na história da geografia, articulando as relações filosóficas e contextuais da própria história. Dessa forma, o que adquire preponderância para Sposito é o *modo de pensar* dos geógrafos enquanto *caminho intelectual* nas pesquisas geográficas.

O pensamento geográfico (método), neste sentido, deixa de ser compreendido por meio do internalismo disciplinar da própria geografia e passa a ser entendido como um *pensar* ligado à própria totalidade externa que movimenta a ciência. Neste sentido, o método geográfico deixa de ser um elemento *em si* do geógrafo e passa a fazer parte do *método* no ponto de vista filosófico e contextual. Sposito (2004), ainda, tal como Ritter, Mackinder, Fairbanks e Hettner, está preocupado com uma metodologia de ensino do pensamento geográfico e, por esta razão, enfatiza que para se

[...] conceber uma metodologia de ensino do pensamento geográfico é preciso, inicialmente, discutir o método científico. É **considerando-o historicamente e em sua dimensão filosófica** que passaremos a tratá-lo neste texto. **Essa proposta**

parte do pressuposto de que o método não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar. [...] A nosso ver, é a fusão simplificadora entre **método e disciplina** que foi provocando a crise paradigmática que atualmente se vive” (SPOSITO, p. 23, *grifo nosso*).

Partindo do pressuposto de que o método não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar, Sposito (2004) considera os seguintes: *hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico*. Esses métodos “contêm as características de um método científico, como leis e categorias, e estão, historicamente, relacionados a procedimentos específicos e teorias disseminados pela comunidade científica” (SPOSITO, 2004, p. 29). E cada um deles é assim descrito por Sposito (2004):

- 1) *Hipotético-Dedutivo*: neste método, o objeto prevalece sobre o sujeito, ou seja, o objeto estudado é posicionado a montante, influenciando o pesquisador e os seus conhecimentos, mesmo que a neutralidade científica seja um pressuposto básico. O real é descrito por meio de hipóteses e deduções.
- 2) *Fenomenológico hermenêutico*: nesse método, é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações com base no seu ponto de vista, depois de se apropriar dele intelectualmente. O objeto torna-se elemento a jusante, correndo o risco de se tornar apenas o elemento a ser analisado.
- 3) *Dialético*: nesse método, o sujeito se constrói e se transforma *vis-à-vis* o objeto e vice-versa. Nesse caso, têm-se as antíteses e as teses em constante contradição e movimento.

A geografia, portanto, teria três métodos que prevaleceram após o Renascimento. Desse modo, como se pode observar, a *leitura do método* na geografia compreende certa diversidade na forma de interpretá-lo. Esta diversidade, contudo, é identificável quando se mira no método com base no *modo de fazer*. O *modo de pensar*,

notadamente, também é diverso e heterogêneo, contudo, em termos de produção do conhecimento científico, o caminho (teoria, leis, categorias, conceitos etc.) acaba determinando a forma de pensar sobre os objetos e fenômenos.

A bibliografia sobre o método na geografia vem se ampliando de forma mais intensa na literatura inglesa. Autores como Stoddard (1982), O'Brien e McFetridge (1989), Prasad (1992), Flowerdew e Martin (1997), Robinson (1998), Aggarwal, (2000), Clifford (2003), Basha (2004), Montello e Sutton (2006), Gomez e Jones (2010) e Hay (2015) são alguns nomes que se destacam na discussão sobre o método, abordando desde a discussão da técnica aos conceitos e temas centrais da geografia. A comparação e confronto entre estas concepções mais recentes pode provocar um resultado ainda mais interessante do que o efetivado.

A proposta de Sposito (2004) é ainda solitária na geografia brasileira em termos de obras específicas, o que reclama outras leituras e debates mais intensos, cuja clareza e coragem de um debate honesto seja efetuada, promovendo, então, a superação ou o confronto das concepções ali lançadas – avançando-as. Ainda é importante indicar que temas como os estudos culturais e sistêmicos (integrados ou complexos), bem como as metodologias qualitativas e a própria tecnologia, vêm sendo considerados como “novos” no debate geográfico quando o assunto é método. Estas interpretações, dispersas e às vezes relativamente sistematizadas necessitam, tão logo, voltar à história do conhecimento geográfico acadêmico para solidificar estas afirmações.

A tecnologia, por exemplo, é um elemento imanente ao humano, como apontava Vieira Pinto (2005 [1973], p. 284), neste sentido “nenhuma tecnologia antecipa-se à sua época ou a

ultrapassa, mas nasce e declina com ela, porque exprime e satisfaz as carências que a sociedade sentia em determinada fase da existência”. A bússola, o telescópio ou mesmo os mapas já foram considerados altas tecnologias no universo dos geógrafos. O novo, por meio da *tecnologia* como algo quase revolucionário no universo acadêmico da geografia, assim, cairia por terra. Os SIGs, é verdade, são produtos do nosso tempo, mas também herdeiros de toda ciência e técnica do tempo de outrora.

O novo evidentemente seduz, mas o rompimento (ou mesmo a superação) com o velho precisa ser cientificamente comprovado. A perda da perspectiva histórica dos acontecimentos lança a ciência ao imediatismo do tempo presente, conduzindo as interpretações a reducionismos de toda sorte.

Considerações finais

Certos aspectos sobre o método na geografia ainda não foram totalmente superados. Temas como a existência de um método geográfico é um deles, somando-se a um possível pluralismo metodológico que inaugura os últimos anos da produção científica brasileira. Tanto o pluralismo metodológico como a existência de um método geográfico são temas que reclamam pesquisas mais específicas e confrontos mais intensos quanto à concepção de método.

Os autores abordados neste estudo não representam a totalidade de intelectuais que se debruçaram sobre o método, além disso, a postura foi mais descritiva do que compreensiva neste texto. Na realidade, é necessário fazer uma história do método (ou das técnicas) nos geógrafos, para se chegar a conclusões mais detalhadas. Caminhou-se em meio aos autores que pensaram sobre o método em

textos e obras específicas, que também e por isso mesmo não podem ser reduzidos a elas.

Referências bibliográficas

AGGARWAL, D. *Modern Methods of Teaching Geography*. Sarup Teaching Series, 2000.

BARBOSA, R. A questão do método cartográfico. *Geografia*. 29(4): 117-23. v. 29, n. 4, out/dez. 1967.

BASHA, S. *Methods of Teaching Geography*. Discovery Publishing House New Delhi. 2004.

BEAJEU-GARNEIR, J. *La géographie: methodes et perspectives*. Paris: Masson, 1971.

CAPEL, H. *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2012.

CLAVAL, P. *Evolución de la geografía humana*. versión castellana de Alexandre Ferrer. - Barcelona: Oikostau, 1974.

CLIFFORD, N. *Key Methods in Geography*. SAGE Publications, 2003.

CLOZIER, R. *História da Geografia*. [Lisboa]: Europa-América, c1972.

CORRÊA, R. L; CASTRO, I; GOMES, P.C.C. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COSTA, W. M. A Geografia frente aos métodos das ciências sociais. In: Teoria e método da geografia São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, *BORRADOR 1*, 1980. p. 27-31.

FABRÍCIO, D, C, B; VITTE, A, C. Paul Vidal de la Blache e a geografia francesa: do contexto histórico às monografias urbanas. *Cordis. História, Arte e Cidades*, n. 6, jan./jun. pp. 301-332, 2011.

FAIRBANKS, H. *The Problem method in geography*. Philadelphia, P. Blakiston's Son & Co. 1922.

FLOWERDEW, R; MARTIN, D. *Methods in Human Geography: A Guide for Students Doing a Research Project*. Routledge, 1997.

FOSSET, R. Géographie: theories et methodes. *Annales de Géographie*, 528, Paris, 1986, p. 219-232.

GEORGE, P. “Problemas, Doutrinas e Método”. In. *A Geografia Ativa*. Tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Côte e Vicenzo Bochicchio, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1966.

_____. *Os métodos da geografia*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: DIFEL, 1972

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

GOMEZ, B; JONES, J. *Research Methods in Geography: A Critical Introduction*. Wiley-Blackwell, 2010.

GOTMANN, J. Acerca do método de análise na geografia humana. *Boletim Geográfico*, 74, Rio de Janeiro, p. 133-140, 1949.

GOUROU, P. A Geografia e a Civilização – Os Princípios do Método Geográfico. *Revista Brasileira de Geografia*. p. 295-301. v. 10, n. 2, abr./jun. 1948.

HARTSHORNE, R. *Perspective on the nature of geography*. Chicago: R. McNally, 1959

_____. *Propósitos e natureza da geografia*. Editora Hucitec. São Paulo, 1978.

HAY, I. *Qualitative Research Methods in Human Geography*. Oxford University Press, 2015.

HETTNER, A. A geografia como ciência corológica da superfície terrestre [Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche]. Nossos Clássicos. *Revista Geografia*, UFF. v. 13, n. 25 (2011).

JOHNSTON, R. J. *Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945*. São Paulo: Difel, 1986.

KRETSCHMER. K. *Historia de la Geografía*. Traducción de la segunda edición alemana por L. MARTÍN ECHEVERRÍA del instituto de Segovia. Editorial Labor, S. A: BARCELONA – BUENOS AIRES, 1930.

LAUDAN, L. Teorias do método científico de Platão a Mach. Tradução de Baltazar Barbosa Filho. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Série 3, v. 10, n. 2, jul-dez, 2000.

LEIGHLY, J. S. Comments on contemporary geographic method. In: ASS. *AMERICAN GEOGRAPHERS* 27, p. 125-141, 1937.

_____. Methodological controversy in nineteenth century geography. In: ASS. *AMERICAN GEOGRAPHERS* 28, 1938, Annals. p. 238-258.

LIBAULT, A. Os Quatro Níveis da Pesquisa Geográfica. Instituto de Geografia. *Métodos em Questão*, n. 1, São Paulo, 1971. p. 1-14.

LIRA, L. A. *O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo*. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918). Dissertação. São Paulo, USP, 2012.

MARTONNE, E. *Tratado de geografia física*. Barcelona: Juventude, 1968.

MACKINDER, H. On the Scope and Methods of Geography. *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, New Monthly Series, Vol. 9, No. 3 (Mar. 1887), pp. 141-174.

MEGALE, F. J. Geografia Agrária – Objeto e Método. Instituto de Geografia. *Métodos em Questão*. n. 12, São Paulo, 1976. p. 1-30.

MENDOZA, J. G., JIMENEZ, J. M., CANTERO, N. O. (Orgs.). *El pensamiento geográfico*. Estudio interpretativo y ontología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales). Madri: Alianza Editorial, 1982.

MONTELLO, D; SUTTON, P. *An Introduction to Scientific Research Methods in Geography & Environmental Studies*. SAGE Publications, 2006.

MORAES, A. C. R. *Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*. São Paulo, 1983. Dissertação, 508 f.

_____. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo: Annablume, 2007.

NIMER, E. Espaço geográfico: classificação e divisão. Um método e uma abordagem conceitual. *Geografia*. p. 93-111. v. 45, n. 1, jan; mar. 1983.

O'BRIEN, L; McFETRIDGE, M. *Methods in Geography 2: Survey Analysis in Geography*. University of Newcastle upon Tyne, Department of Geography, 1989.

PAVIANI, A. Método científico e análise geográfica. *Geografia*, v. 4, n. 7, abr. 1979.

PINTO, A. V. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PEREIRA, J. V. A moderna produção geográfica do Brasil e seus aspectos metodológicos. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 27, p. 95-110, 1957

PERRINE, L. *Methods in geography*. Valley City, N.D., W.F. Du Vall, 1903.

PRASAD, H. *Research Methods and Techniques in Geography*. Rawat Publications, 1992.

QUAINI, M. A construção da Geografia Humana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RIBEIRO, J. Fundamentos geográficos do método no folclore brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*. v. 5, n. 4, out./dez, 1943.

RUELLAN, F. Orientação científica dos métodos de pesquisa geográfica. Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. v. 5, n. 1, mar, 1943.

ROBINSON, G. *Methods and Techniques in human geography*. WILEY, 1998.

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. *Espaço e Método*. São Paulo. Nobel, 1985.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, C. O. The survey method in geography and its objectives. In: ASS. *AMERICAN GEOGRAPHERS*. 14, 1924, Annals ... p. 17-33.

SAHR, W-D; ARANTES, L. A profusão das teorias espaciais e a fusão do espaço geográfico: Alfred Hettner e o projeto corológico. *GEOgraphia*. v. 13, n. 25, 2011.

SANDES, M, A. S. “*A Natureza da Geografia*” nos meandros da história. Dissertação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015.

SILVA, A. C. Notas sobre o método científico e a observação em geografia. Instituto de Geografia. *Métodos em Questão*, n. 2, São Paulo, 1972. p. 1-11.

_____. Uma proposição teórica em Geografia. Instituto de Geografia. *Métodos em Questão*, n. 13. São Paulo, 1976. p. 1-16.

_____. Teoria e Método da pesquisa em Geografia. In: *Teoria e método da geografia São Paulo*: Associação dos Geógrafos Brasileiros, BORRADOR 1, 1980. p. 19-25.

_____. Fenomenologia e Geografia. In. *Orientação*. Instituto de Geografia – Departamento de Geografia. São Paulo - USP, nº 7, pp. 53-56, 1986.

_____. Ontologia Analítica: Teoria e Método. *Terra Livre - Geografia, Território e Tecnologia*, AGB. São Paulo: Marco Zero, nº 9, p. 129-133, 1992.

_____. Aparência, ser e forma: Geografia e método. *Geografia: modernidade e pósmodernidade*. Presidente Prudente, 1996. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente), p. 95-126.

SPOSITO, E. S. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia Contemporânea. São Paulo, *Terra Livre*, n. 16, p. 99-112, 2001.

_____. *Geografia e Filosofia*. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

STODDARD, R. *Field techniques and reserch methods in geography*. Kendal/Hunt Publishing Company, 1982.

UNWIN, T. *The place of Geography*. Tradução espanhola de Jerónima García Bonafé. El lugar de la geografía. Longman Group Limited, London, 1992.

VALCÁRCEL, J. O. *Los Horizontes de la Geografía: Teoría de la Geografía*. Editora Ariel, S. A Barcelona. 2000.

VIDEIRA, A. A. Breves considerações sobre a natureza do método científico. In: SILVA, C. C. *Estudos de história e filosofia das ciências: subsídios para aplicação no ensino*. São Paulo: Editora Livraria da física, 2006.

VITTE, A, C. Da metafísica da natureza à gênese da geografia moderna. In: *Contribuições à história e à epistemologia da geografia*: Org: Antonio Carlos Vitte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VIVO, J. A. El método conexivo dialéctico en la investigación de antropogeografía. *Revista Geográfica*, v. 2, n. 3, p. 203-219, 1941

WHITTLESEY, D. O conceito regional e o método regional. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, 154, p. 5-36, 1960.

Submetido em: 26 de abril de 2019.

Devolvido para revisão em: 07 de maio de 2019.

Aprovado em: 07 de julho de 2019.

Como citar este artigo:

CLAUDINO, Guilherme dos Santos. Método e Geografia. **Terra Livre**, v. 1, n. 52, p. 62-95, jan.-jun./2019.